

Riso, resistência e subversão : a paródia do discurso antipetista pelo *The Piauí Herald*

Filipo Figueira

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

*Todas essas tolices não fizeram Demócrito chorar,
mas rir. Considerava seu riso adequado, pois o
estimava como o meio melhor, não apenas para
não afundar no desespero, mas também para
sinalizar aos abderitas a sua ridícula loucura.*

Manfred Geier

É sabido que, a partir dos « acontecimentos de junho de 2013 »¹, alterou-se visceralmente a esfera política brasileira. Com o início da derrocada do governo de Dilma Rousseff (o último dos quase 14 anos de governo ininterrupto do Executivo brasileiro pelo Partido dos Trabalhadores – o PT), os movimentos, primeiro difusos e pouco orientados, que tomaram as ruas em 2013, pouco a pouco passaram a ganhar traços ideológicos e discursivos mais claros, construindo uma polarização política que permanece (não inalterada) até os dias atuais, entre os defensores da legitimidade do mandato petista e o antipetismo radical e declarado. A indignação dos manifestantes ganhou também um novo alvo, dessa vez bastante claro : a corrupção, um coringa que resumiria em si todos os outros males da sociedade brasileira. Na disputa estabelecida na « ágora » que foram as ruas das principais cidades do país, o discurso antipetista ganhou cada vez mais espaço, até que, finalmente, em 12 de junho de 2014, a figura do « cidadão de bem » antipetista, conjuntamente ao discurso que o sustentava, estabeleceu-se como discurso dominante na esfera pública brasileira², estabelecendo também novos valores políticos.

¹ André SINGER. « Brasil, junho de 2013 : Classes e ideologias cruzadas », *Novos Estudos, Dossiê : Mobilizações, protestos e revoluções*, São Paulo, vol. 97, 2013, p. 23-40.

² Celi PINTO, « A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015) », *Lua Nova*, São Paulo, vol. 1, n. 100, 2017, p.119-155.

Além da divisão um tanto implícita, quase inaudita, entre povo / elite, os « manifestantes vestidos de amarelo » atacavam vividamente a tríade que constituíram como os inimigos que antagonizavam o Brasil : os três elos Dilma-PT-corrupção estabeleciam entre si uma forte cadeia de equivalência³. A partir dessa reconfiguração da disputa política brasileira, o discurso antipetista, agora hegemônico, trouxe consigo uma nova divisão social entre os bons e maus sujeitos, ou um novo *nomos*, isto é, a « enunciação e a imposição dos ‘bons’ princípios de visão e de divisão »⁴ de uma sociedade. Em suma, nessas manifestações, que tão logo iriam se tornar as portavozes « populares » do processo de deposição da ex-presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016, dividiam-se os brasileiros entre os « cidadãos de bem » e o « perigo comunista » do PT e seus simpatizantes. O que talvez seja mais sensível é que, mais que uma proposição, o estabelecimento do *nomos* é o que garante a força política da hegemonia de um discurso político : « se o princípio de divisão que eu proponho for reconhecido por todos, se meu *nomos* se tornar o *nomos* universal [...], terei atrás de mim toda a força das pessoas que compartilham minha visão »⁵. No presente artigo, me interessa justamente explorar o riso, a subversão e a derrisão do *nomos* hegemônico proposto (e imposto) pelo discurso antipetista como uma forma de *resistência discursiva* a essa hegemonia, produzindo outros sentidos sobre a realidade brasileira, apagados pelo discurso antipetista.

É imperioso considerar que o riso, dentre muitas outras coisas, é uma arma poderosa⁶ contra qualquer tipo de autoridade ; inclusive, quão maior for a força dessa autoridade repressora, maior é a potência destabilizadora que o riso pode manifestar⁷. Em sociedade democráticas, em que supostamente há uma disputa aberta pelos valores que regerão o Estado e seu povo, a potência subversiva do riso assume um caráter singular : o humor é « capaz de permitir que o povo confronte a

³ *Ibid.*

⁴ Pierre BOURDIEU, « O campo político », *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, vol. 5, n. 1, 2011, p. 203.

⁵ *Ibid.*

⁶ ARISTÓTELES, *Arte Retórica e Arte Poética*, Rio de Janeiro, Ediouro, s.a.

⁷ Sigmund FREUD, *O Chiste e sua relação com o inconsciente*, São Paulo, Cia. das Letras, 2017.

autoridade, de subtraí-la, de reduzir sua distância e magnificência, assim revelando os detentores da autoridade como mortais imperfeitos »⁸. Em suma, « [a] derrisão carrega em si uma dimensão de contestação, de reconsideração da ordem estabelecida ou dos princípios largamente aceitos em uma sociedade ou em um grupo »⁹. Rir do antipetismo, portanto, apresenta seu valor justamente como oposição e resistência ao discurso hegemônico¹⁰ que rege a ordem política contemporânea brasileira. Em se tratando de discurso, isto é, da *palavra*, há de se pensar quais seriam as formas de resistência possíveis. M. Pechêux propõe, dentre outras, duas que interessam especificamente a esse artigo : « não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio [...] ; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases »¹¹.

Assim, para este artigo, recolhi algumas desnotícias publicadas entre 2014 e 2016 pelo portal humorístico *The Piauí Herald*¹² (de agora em diante, *TPH*). Este diário humorístico é parte da revista *Piauí*, um periódico que discute a política brasileira e internacional. O diário, ao contrário da revista, cujas tiragens físicas mensais são também publicadas virtualmente, resume-se apenas ao mundo virtual e não segue nenhuma cronologia exata : podem ser publicados muitos ou poucos textos por mês, havendo alguns casos em que não se publica nada durante este período de tempo. Suas publicações consistem em textos paródicos que mimetizam o discurso jornalístico, mais precisamente as notícias fatuais. Enquanto a notícia informa,

⁸ David PALETZ, « Political Humor and Authority : From Support to Subversion », *International Political Science Review / Revue internationale de science politique*, vol. 11, n° 4, 1990, p. 484. No original : « Does not humor sometimes enable people to confront authority, to diminish it, reduce its distance and majesty, thereby revealing authority-holders as imperfect mortals, error-prone humans, ordinary people unworthy of special respect, deference, or perpetuation in office ? ».

⁹ Mercier Arnaud, « Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs », *Hermès, La Revue*, n° 29, 2001, p. 10. No original : « La dérision porte en elle une dimension de contestation, de remise en cause de l'ordre établi ou des principes largement acceptés dans une société ou dans un groupe ».

¹⁰ Cabe fazer a ressalva de que, por mais que a derrisão apresente uma potência revolucionária, nem sempre é o caso. No que tange ao Brasil em específico, a derrisão pode, como frequentemente tem sido, usada para fins opressivos. Cf. Maria da Conceição PIRES « Derrisão e ironia cínica no humor contemporâneo : os limites entre o politicamente incorreto e o incorretamente político ». *História*, vol. 33, n. 2, 2014, p. 470-488.

¹¹ Michel PÉCHEUX, « Delimitações, inversões, deslocamentos », *Caderno de Estudos Linguísticos*, XIX, 1990, p. 17.

¹² Portal do diário : <https://piaui.folha.uol.com.br/herald/>. Acesso em 30/01/2020.

tratando do fato e, de certa forma, da verdade (objetiva), a desnotícia busca o riso, ao construir piadas a partir dos fatos. A relação entre ambas se estabelece, no entanto, porque a desnotícia empresta da notícia algumas características, como a remissão a acontecimentos e a personagens públicas, além de sua construção formal de texto, mas as subverte a partir do valor de verdade subjacente ao discurso jornalístico¹³. A escolha desse periódico em específico, por sua vez, deve-se pela singularidade de sua temática exclusivamente política – seguindo a escolha editorial da revista a que se vincula. Por esse motivo, a divisão antipetista entre « cidadãos de bem » e sua contraparte, o « perigo comunista », fora amplamente representada.

Enfim, se a derrisão sócio-política « possui virtudes revolucionárias indubitáveis »¹⁴ por seguir a lógica carnavalesca e garantir a « inversão simbólica e temporária da ordem política »¹⁵, como representantes de um discurso paródico, carnavalesco por excelência, essas desnotícias tornam-se um lugar profícuo para explorar a derrisão sócio-política da hegemonia discursiva. Portanto, este artigo divide-se de forma a, primeiro, apresentar os conceitos que regerão a metodologia de análise – a saber, de paródia, semântica global e a constituição discursiva do discurso antipetista ; a seguir, a análise das resistências : começando pela paródia do sintagma nominal « cidadão de bem » como uma forma de « falar quando se exige silêncio », e, depois, pela análise da reencenação paródica do « perigo comunista » como uma forma de « mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases ».

Paródia, semântica global e o discurso antipetista

É primeiro preciso tecer alguns comentários sobre o funcionamento da paródia e sua relação com a ordem do discurso. Segundo Linda Hutcheon, toda paródia é produto da distância estabelecida pelo próprio texto com sua fonte. O riso ou a fruição da obra paródica não viria do humor em particular, « mas do grau de empenho

¹³ Cf. Filipo FIGUEIRA, « (Des)notícia : A (des)construção de um gênero discursivo », *Letras em Revista*, Teresina, vol. 8, n. 1, 2017, p. 237-257.

¹⁴ Mercier Arnaud, « Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs », *Hermès, La Revue*, n. 29, 2001, p. 10. No original : « elle possède des vertus révolutionnaires indéniables ».

¹⁵ *Ibid.* No original : « elle assure un renversement symbolique et temporaire de l'ordre politique ».

do leitor no “vai-e-vem” intertextual (*bouncing*) »¹⁶. Assim, a paródia não deixaria de ser um ricochete, mas também « uma confrontação estilística, uma recodificação moderna que estabelece *a diferença no coração da semelhança* »¹⁷. Em outras palavras, é inegável que na paródia coexistem, paradoxalmente, a oposição e a autorização da voz parodiada : « as transgressões da paródia permanecem, em última análise, autorizadas autorizadas pela própria norma que procura subverter »¹⁸. Esse paradoxo, no entanto, não é restrito às enunciações paródicas ; diria M. Foucault que ele é a própria definição de transgressão : o elemento transgressor « transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível »¹⁹. O irresolúvel de toda transgressão, portanto, é que o elemento transgressor, por mais que chegue ao *limite* do que transgride, o fortalece pela própria memória que carrega consigo do elemento transgredido.

Na transgressão paródica, diferença e semelhança não deixam de se encontrar e se distanciar : « as naturezas textual e pragmática da paródia implicam, ao mesmo tempo, *autoridade e transgressão* e ambas devem ser tomadas em consideração »²⁰. O texto paródico enuncia-se por uma licença momentânea, e, na atualização de seu discurso, transgride e rememora o discurso parodiado, simplesmente porque ele *precisa* existir, em termos de « reconhecibilidade », para que a paródia possa ela mesma ser inteligível : a fonte da paródia determina as normas e formas da enunciação, mas apenas para serem reatualizadas (transgredidas) no fio do discurso paródico como a garantia para que este possa continuar a existir. Aí está o valor da transgressão paródica : a suspensão e deslocamento do discurso, sem nunca perdê-lo de vista, coloca em mesmo plano transgressor e transgredido, chocando-os. É

¹⁶ Linda HUTCHEON, *Uma teoria da paródia : Ensinaamentos das formas de arte do século XX*, Lisboa, Edições 70, 1989, p. 48.

¹⁷ *Ibid.*, p. 19, meus destaques.

¹⁸ *Ibid.*, p. 97.

¹⁹ Michel FOUCAULT, « Prefácio à transgressão », in Michel FOUCAULT, *Ditos e Escritos*, vol. III, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006, p. 32.

²⁰ L. HUTCHEON, *op. cit.*, p. 89 (meus destaques).

preciso, portanto, compreender como a paródia trabalha internamente essa subversão discursiva.

Uma tese interessante proposta por D. Maingueneau é que os discursos podem ser compreendidos como realizações de um pequeno sistema de restrições semânticas, ao qual chamou de *semântica global*²¹. Assim, o horizonte complexo de enunciados existentes não seria mais que a repetição de uma raridade de « traços semânticos » os semas , e as formações discursivas²² poderiam ser compreendidas como a « exploração sistemática das possibilidades de um núcleo semântico »²³. O que proponho finalmente é que a paródia discursiva explora o núcleo semântico da formação discursiva matriz, sendo nele que encontra os elementos que mobiliza para produzir tanto sua repetição quanto sua diferença, ao mesmo tempo em que constrói uma filiação de ordem textual que assegura seu limite²⁴. Em termos discursivos, a paródia discursiva se comporta efetivamente como *a diferença no coração da semelhança* : ao mesmo tempo em que a formação discursiva paródica se distancia da matriz, por reformular o conjunto sêmico parodiado inserindo seu sema nesse sistema que lhe é incoerente, ainda a preserva, pois, paradoxalmente, não pode desvencilhar-se dela, visto que precisa desta ponte para que sua inversão seja reconhecida.

Como não é do meu interesse analisar a fundo a Formação Discursiva Antipetista (de agora em diante, FDA), mas apenas definir aqueles traços parodiados pelo *TPH*, parto de definições bem amplas do espectro político-ideológico para chegar a estes traços mais específicos. A. R. Motta e S. Possenti²⁵ propuseram alguns semas gerais para os discursos de direita e de esquerda, bem como seus enunciados fundamentais. No que diz respeito ao espectro de direita (do qual faz parte o antipetismo), os semas

²¹ Dominique MAINGUENEAU, *Gênese dos Discursos*, São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

²² Uma formação discursiva é aquilo que determina o que (não) pode e (não) deve ser dito pelo seus enunciadores. Michel PÉCHEUX, *Semântica e Discurso*. Campinas : Editora da Unicamp, 2014.

²³ D. MAINGUENEAU, *op. cit.*, p. 62.

²⁴ Cf. Filipo FIGUEIRA, « Argumentos para uma perspectiva discursiva da Paródia a partir da teoria da Semântica Global », *Revista do Seta*, vol. 8, n. 1, 2018.

²⁵ Ana Raquel MOTTA e Sírio POSSENTI, « Direita e Esquerda : volver ! », *Anais da I Jornada Internacional de Estudos do Discurso*, 2008, p. 303-314.

fundamentais seriam os de /diferença/ e /ordem/, isto é, « nascemos naturalmente desiguais e devemos, acima de tudo, preservar a ordem pública ». Outros semas, secundários, dos discursos de direita seriam /natural/ (visto que « as desigualdades são inatas »), /estado mínimo/ (« cabe ao Estado o suficiente para manter a ordem social »), /repressão/ (em decorrência de /ordem/, exceção ao sema anterior), e, finalmente, /livre mercado/.

Ora, em termos de uma formação discursiva, o discurso antipetista responde satisfatoriamente aos semas propostos para as formações discursivas de direita : o sema /ordem/ é imperioso, visto a recusa das manifestações anteriores e o apelo ao « pacifismo » (ou a ausência da « baderna ») como marca de uma manifestação legítima. Também o é o sema /repressão/, visto que não apenas não havia mais conflitos com a polícia, como as forças policiais eram vistas como aliadas. No entanto, são dois outros semas, próprios à FDA, que interessam mais às minhas análises, uma vez que embasam o *nomos* antipetista. O primeiro é fruto do fato de que o antipetismo não é apenas um movimento de direita, neoliberal, mas também conservador. Portanto, na constituição de seu *ethos* como « cidadão de bem », há claramente um apelo à /tradição/, para retomar a definição de N. Bobbio²⁶. Finalmente, o discurso antipetista se alinha a um movimento antigo de denúncia ao « perigo comunista »²⁷ : a recusa à tríade Dilma-PT-corrupção estendia-se à esquerda como um todo, mas principalmente ao comunismo e a tudo que ele (supostamente) representa. Proponho, enfim, que /anticomunismo/ é outro sema da formação discursiva antipetista.

O riso contra-hegemônico : a paródia do discurso antipetista

Esses dois semas /tradição/ e /anticomunismo/ são imprescindíveis para entender o *nomos* antipetista, visto que são eles os ingredientes principais da definição dos bons e maus sujeitos da sociedade brasileira. Por um lado, em acordo

²⁶ Norberto BOBBIO, *Direita e Esquerda : razões e significados de uma distinção política*, São Paulo, EdUnesp, 2011.

²⁷ Rodrigo Pato Sá MOTTA, *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, São Paulo, Perspectiva, 2002.

com /tradição/, os antipetistas recorrem ao sintagma nominal « cidadão de bem » como forma de se autodesignar ; por outro, fundam boa parte da legitimidade da sua atuação política pelos valores do /anticomunismo/, denunciando toda e qualquer presença do « perigo comunista » nas instituições nacionais. Não à toa, a paródia produzida pelo *TPH* do discurso antipetista recorre substancialmente a essa divisão, mais precisamente ao próprio movimento enunciativo de separação da sociedade. Entendo que, como prática de resistência, o discurso parodista do *TPH* opõe-se à hegemonia discursiva antipetista, promovendo outros modos de compreender as contradições da realidade política brasileira. Assim, é a paródia desse movimento que pretendo analisar aqui, especificamente a partir do sintagma nominal autodesignativo « cidadão de bem » e das práticas de denúncia do « perigo comunista ».

Falar quando se exige silêncio : a autodesignação « cidadão de bem »

De maneira geral, o sintagma « cidadão de bem » é sintomático do discurso antipetista, aparecendo como uma forma de autodesignação : isto é, os antipetistas se entendem positivamente como « cidadãos de bem ». Meu interesse particular é que há, nas desnotícias do *TPH* que tematizam o discurso antipetista, retomadas dessa mesma autodenominação : é recorrente nas desnotícias que os personagens aludidos ou fictícios que sejam contrários à tríade Dilma-PT-Corrupção se intitulem « cidadãos de bem » (com leves modificações lexicais). Essa repetição, no entanto, não é apenas parafrástica (isto é, de equivalência), mas assume grande teor paródico e também satírico. Como a composição de uma nomeação descritiva, há de se destacar seu uso no discurso « sério » ao qual o *TPH* se contrapõe. Como propõe Margarida Basilo²⁸, a nomeação descritiva designa o objeto a que se refere pela sua característica mais relevante : neste caso, denomina-se previamente o sujeito do discurso antipetista de « cidadão », ao qual junta-se sua característica principal e mais evidente, o elemento particularizante de ser « de bem ». Ao intitular-se « cidadãos »

²⁸ Margarida BASILO, *Teoria Lexical*, São Paulo, Ática, 2004.

enquadrando-se em um discurso maior sobre a cidadania, seus direitos e deveres , os enunciadores do antipetismo cristalizam o *nomos* antipetista em sua própria designação : só são cidadãos *de bem* aqueles que compartilham dos mesmos valores e que enunciam a partir do discurso antipetista.

Nesse sentido, há duas características importantes sobre a enunciação « séria » do sintagma²⁹. A primeira é que se recorre sempre à definição do *outro* do cidadão de bem (o desordeiro, o criminoso, o insano), bem como se distanciam claramente dele. Por outro lado, e esta é a segunda característica, a definição de cidadão de bem não é apresentada de maneira clara ou delineada ; isto é, o sentido de « cidadão de bem » é evidente a um enunciador da FDA quando recorre a este sintagma. Logo, para um enunciador da FDA, « sabe-se » quem é o cidadão de bem : alguém (evidentemente) superior aos seus opositores. O que se vê é que a figura do « cidadão de bem » reivindicada pelo discurso antipetista cristaliza de tal forma uma proposição de *nomos* que, para seus adeptos, quase não precisaria ser explicado – bastaria que « se veja quem está falando ». Enfim, enunciar-se como « cidadão de bem » é compreendido como suficiente, pela FDA, para evocar, por alusão, toda sua semântica global : ela está aludida e condensada pelo sema /tradição/. De alguma maneira, os semas da FDA *a priori* não se contradizem internamente : a moralidade e os costumes (/tradição/), de um lado, podem coincidir sem grandes problemas com o desejo de resolução violenta e de extermínio do inimigo (/ordem/, /repressão/ e /anticomunismo/). Em suma, a própria existência do *nomos* antipetista, interna e externamente à sua formação discursiva, abre um espaço de contradição e disputa sobre seus sentidos. Finalmente, é neste movimento de evidência, alusão e contradição que as desnotícias do *TPH* encontram o espaço de jogo para sua paródia satírica do sintagma.

É palpável que aquilo que o *TPH* coloca em jogo é o sentido e a prática de autodeterminação daqueles que se intitulam « cidadãos de bem ». No fio do discurso,

²⁹ Uma análise mais detalhada dessa enunciação encontra-se em Filippo FIGUEIRA, « Memória discursiva e sátira política : a paródia da (auto)designação “cidadão de bem” pelo The Piauí Herald », *ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, São Paulo, vol. 48, 2019.

introduz-se sem distinção um saber próprio ao discurso antipetista (« que produzem e pagam seus impostos em dia ») e outros saberes, produzidos no seio de outro domínio de memória, de outras formações discursivas, presentes na memória social, desestabilizando e satirizando a divisão social proposta / suposta pelo discurso antipetista seja por meio das relativas, seja pela construção da narrativa desnoticiosa. O discurso parodista do *TPH*, nesse sentido, quando retoma os sentidos do sintagma « cidadão de bem » a partir da representação de um enunciador do discurso antipetista, choca inadvertidamente as contradições inerentes ao sintagma, produzindo sua sátira ou melhor, sua paródia satírica :

- (1) Centenas de cidadãos de bem, que produzem, furam o sinal de trânsito civilizadamente e sonégam seus impostos de renda em dia, se reuniram ontem à tarde no Facebook para exigir a renúncia imediata do presidente Lula³⁰.
- (2) Votação realizada em urnas natalinas no Shopping Cidade Jardim mostrou que 96% dos paulistanos são a favor da construção de um muro que colocará o Brasil que produz e paga impostos de um lado, e a ameaça assistencialista bolivariana de outro. ‘Vamos separar o Brasil ocidental do Nordeste’, anunciou João Doria Jr.³¹.

Em todos os casos onde se encena a fala de um « cidadão de bem », o discurso antipetista é introduzido e ancorado no fio do discurso pela oração relativa « que produzem » (eventualmente, coordenada à outra : « que pagam seus impostos em dia »). Alude-se, assim, os semas /ordem/ e /tradição/, constituindo-se como bons cidadãos que contribuem para a ordem pública. Essa ancoragem é tão forte que, mesmo quando « cidadão de bem » não aparece, como é o caso em (2), lá está a

³⁰ « Petição exige o impeachment de Lula », *The Piauí Herald*, 28 out. 2014. Disponível em : <http://piaui.folha.uol.com.br/herald/2014/10/28/peticao-exige-o-impeachment-de-lula/>. Acesso em 13/02/2018.

³¹ « Muro separará Brasil ocidental do Nordeste », *The Piauí Herald*, 11 nov. 2014. Disponível em : <http://piaui.folha.uol.com.br/herald/2014/11/10/muro-separara-brasil-ocidental-do-nordeste/>. Acesso em 13/02/2018.

relativa, que é suficiente para construir a imagem do discurso antipetista e legitima a figura do cidadão de bem. Ao mesmo tempo, introduz-se o que seria interdito a esse discurso, seu contraponto ou oposição, que, não obstante, é indiferenciado na cadeia sintagmática. Assim, o *TPH* faria o « cidadão de bem » falar outras verdades, em choque com sua semântica global, a partir da contradição da divisão social (*nomos*) que ele propõe. O ponto central dessa sátira política, portanto, formula-se ao fazer implodir — ou pelo menos ranger — o discurso de autodenominação do cidadão de bem : o *TPH* colocaria na « voz dos antipetistas » elementos que lhes são conhecidos, aludindo aos seus semas constituintes, mas principalmente os que lhes são estranhos ou contraditórios, e que, ainda assim, de alguma forma funcionam.

Em (1), por exemplo, o que é colocado em questão é o ímpeto moral do « cidadão de bem », que, como visto acima, investiria contra a corrupção, ao mesmo tempo em que seria ele próprio incorruptível — a reencenação mais direta do sema /tradição/. No entanto, esse anseio de superioridade moral, reconstituível apenas pelo fio de memória do discurso antipetista, choca-se com as outras relativas, que cruamente apresentam sua contradição : seja porque não pagariam seus impostos (prática reivindicada e recorrente no discurso conservador), mas, ao contrário, o sonegariam ; seja porque, dizendo-se civilizados, infringiriam as regras de trânsito. Em suma, ao reivindicarem uma superioridade cívica, infringiram ao mesmo tempo sua retidão moral. A introdução de um discurso contrário ao antipetista, portanto, viria desestabilizar sua autorepresentação de cidadão exemplar na luta contra a corrupção e, por conseguinte, a estabilidade da reencenação do sema /tradição/.

No excerto seguinte, (2), a paródia do *nomos* torna-se mais drástica, e o *elitismo* passa a ser representado como *xenofobia* ; além disso, subjaz à desnotícia uma metáfora do mundo bipolarizado entre o comunismo e o capitalismo (aludindo ao sema /anticomunismo/), introduzida pela referência ao muro de Berlim³² e ao bolivarianismo. Neste excerto, os cidadãos de bem são ostensivamente definidos :

³² Há de se considerar também a possibilidade da alusão a outras construções de muro, como o que separaria os EUA do México, ou aquele que figurou nas ruas da cidade do Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo de 2014, impedindo que as favelas fossem vistas pelos transeuntes de dentro da cidade.

« 96% dos paulistanos [que frequentam um dos shoppings de elite da cidade São Paulo] », « O Brasil que produz e paga imposto », ou ainda, o « Brasil *occidental* ». A valorização do poder econômico é patente, uma vez que os « bons cidadãos » são os mais ricos, que movem a economia, que são desenvolvidos e capitalistas (« *occidentais* »). Em suma, a paródia satírica do *TPH* sobre a autodesignação antipetista como cidadão de bem consiste em dispor, indistintamente, isto é, sem evidenciar sua diferença, tanto enunciados em conformidade com sua semântica global (principalmente /tradição/, mas, como visto, também /desigualdade/, /ordem/ etc.), como enunciados que a fazem ranger. Isto é, a sátira do cidadão de bem é fazer com que ele se contradiga, seja pela sua própria contradição, seja pela contradição externa : O *TPH* o faz dizer sobre si justamente aquilo que não poderia ser dito.

Mudar, desviar, alterar o sentido das palavras : a presença do « perigo comunista »

Há de se ver também o outro lado da moeda, isto é, a caracterização dos maus sujeitos do *nomos* antipetista : o « perigo comunista ». O excerto (2) permite entrever esse outro lado dessa divisão. Nele, o diferente (o inimigo) é também definido ; curiosamente, no entanto, não apenas como o oposto dos « bons valores » (/tradição/), mas sim por uma seleção de alusões nada fortuitas construídas a partir da memória da tríade « Dilma-PT-corrupção » : ele é uma ameaça tanto assistencialista (em confronto ao sema /estado mínimo/ e /desigualdade/) quanto bolivariana (em conformidade ao sema /anticomunismo/). Estamos frente à representação paródica mais clara do sentimento anticomunista em circulação desde a Guerra Fria e fortificado durante a Ditadura Militar , agora atualizado pela contemporaneidade. O /anticomunismo/ da FDA, portanto, pode ser definido como uma recusa violenta e generalizada de tudo aquilo que remeta ao comunismo : assim, os ideais de esquerda são, em consequência, *a priori* recusados, bem como as questões que a esquerda adota como suas pautas, e todos os partidos e organizações « à esquerda » passam a ser vistos como uma coisa só, para a qual PT é a expressão máxima e mais nauseante. Com uma necessidade violenta de eliminar a oposição, portanto, o discurso antipetista preocupa-se recorrentemente em determinar, em todo caso e a todo

instante, quem é sua contraparte e estabelecer com clareza (e às vezes violentamente) o que os diferencia.

Em linhas gerais, o /anticomunismo/, de maneira análoga ao que ocorre com /tradição/, impõe uma situação complexa à FDA : por um lado, para o antipetista, o cidadão de bem prescinde de definição, « sabe-se » quem o é pela própria atribuição da cena enunciativa (conforme /tradição/); por outro, tendo sido estabelecido um grande inimigo (a corrupção, o PT, o comunismo etc.), todo aquele que aparenta se opor ao interesse de um cidadão de bem ou que apresente um traço minimamente relacionável a esse inimigo (como a cor vermelha, por exemplo) é passível de ser denunciado como comunista. A denúncia funciona pelo rastro da metonímia, e é estabelecida, em grande medida, a gosto do freguês – todos são culpados, até que se prove o contrário. A instabilidade de definição provocada pelo /anticomunismo/ pode levar a situações pitorescas, como a do centenário da imigração japonesa, nas quais antigos símbolos aliados podem transformar-se em inimigos comunistas.

Logo, uma consequência dessa vigília voraz contra o perigo comunista é que, no limite, há enunciados da FDA que constroem um universo persecutório de uma conspiração por baixo dos panos, envolvendo as mais diversas instituições – inclusive as instituições mais tradicionais, como as Forças Armadas –, para estabelecer no país uma ditadura comunista. Assim, além dos inimigos clássicos provenientes da esquerda, outros, inesperados (eventualmente, contraditórios), podem também representar um perigo comunista, como a *elite financeira*, os *bancos*, a *Rede Globo*, todo o *jornalismo brasileiro*, ou até mesmo a *Inteligência norte-americana*. Esse sentimento intempestivo de uma conspiração comunista foi outra fonte farta para as paródias do *TPH* do *nomos* antipetista :

- (3) Ciente de seu papel na verdejante democracia brasileira, este piauí Herald lançou mão de traças treinadas pelo FBI para identificar documentos, fotografias e provas concretas contra o ex-agente da KGB

recém-infiltrado no STF : seu codinome é Luiz Edson Fachin. A ação resultou no que você vê a seguir com exclusividade³³.

- (4) O apresentador Jô Soares confirmou que a entrevista com Dilma Rousseff é mais uma etapa do treinamento militar que vem recebendo, sorrateiramente, em Cuba. “Perdi mais de 10 quilos numa dieta em que cortei meus impulsos capitalistas. Sob a batuta das FARC, do PT e dos Smurfs, aprendi a me reinventar”, declarou Jô Soares, logo após fazer sinal com as mãos para que a Banda de Pífanos de Caruaru interrompesse sua introdução musical. Nos próximos programas, Jô promete dar prosseguimento ao hábito de não deixar o entrevistado falar. ‘Interromperei a cada 15 segundos para ler trechos do Manifesto Comunista’, revelou³⁴.
- (5) A Folha de S. Paulo reuniu seu proletariado esta manhã em uma cerimônia na Fefeleche que selou a guinada comunista do jornal. “A partir de agora, nosso nome é Granma de S. Paulo”, gritou o revolucionário bolchevique Otavio Frias Filho, enquanto estourava uma garrafa de rum numa imagem de Che Guevara. Em seguida, soltou um grito preso na garganta por décadas : “Abaixo a burguesia !”, e enviou o dissidente Reinaldo Azevedo para trabalhos forçados na Sibéria [...]. No topo do jornal, a frase “Um jornal a serviço do Brasil” será trocada por “Um jornal a serviço do Bolivarianismo”³⁵.

Nesses excertos, há o emprego mais exemplar da enunciação paródica pelo *TPH* : diferente de antes, em que o discurso antipetista era representada pela imitação da prática jornalística da citação, aqui, ao contrário, o *TPH* incorpora a posição

³³ « Dossiê Fachin – a farsa de um comunista », *The Piauí Herald*, 20 maio 2015. Disponível em : <http://piaui.folha.uol.com.br/herald/2015/05/20/dossie-fachin-a-farsa-de-um-comunista/> Acesso em 19/02/2018.

³⁴ « Jô Soares adere ao comunismo », *The Piauí Herald*, 15 jun. 2015. Disponível em : <http://piaui.folha.uol.com.br/herald/2015/06/15/jo-soares-adere-ao-comunismo/>. Acesso em 13/02/2018.

³⁵ « Folha de S. Paulo adere oficialmente ao comunismo », *The Piauí Herald*, 17 mar. 2015. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/herald/2015/03/17/folha-de-s-paulo-adere-oficialmente-a-o-comunismo/>. Acesso em 13/02/2018.

antipetista para, no fim, satirizá-la. Evidências dessa incorporação estão presentes em todo o texto, já que as desnotícias reconstituem a cenografia de descoberta dos inimigos comunistas. Há, por exemplo, no excerto (3) a oposição cromática típica do /anticomunismo/, cujo *TPH* assume para si (« ciente de seu *papel verdejante* na democracia brasileira »). Diferente de antes, portanto, em que o portal incluía nas suas desnotícias trechos de supostos enunciadores da FDA, agora ele próprio se faz « antipetista ». A experiência do mecanismo paródico é realmente fortalecida : o distanciamento do qual a paródia se origina não está mais marcado pela diferença de locutores ; ele é muito mais sutil, formulando-se de fato de dentro da semelhança. É a partir dessa incorporação política do discurso antipetista que o *TPH* dá vazão à prática de vigilância do /anticomunismo/, reforçando o sentimento conspiratório. Assim, o discurso paródico mimetiza o discurso antipetista dispondo os partícipes do conluio comunista que estão sendo denunciados : « Luiz Fachin », « Jô Soares » e a « Folha de S. Paulo ». Ao retomar cada um desses inimigos declarados do antipetismo, o *TPH* constrói narrativas desnoticiosas que incorporam o tom de acusação e representam cada um deles com uma « roupagem » comunista.

O « dossiê Fachin » (na continuação do excerto 3), por exemplo, é bastante interessante. Luiz Fachin foi de fato acusado de ser comunista em virtude de sua indicação, pela então presidenta Dilma Rousseff, para o cargo de ministro no STF uma associação suficientemente forte para duvidar da sua imparcialidade jurídica e garantir seu papel na trama conspiratória antipetista. Agora, em um texto paródico mais próximo à reportagem do que à notícia, o *TPH* se aproveita desse ensejo e satiriza a acusação, perpassando diversos momentos da história do comunismo forjando ligações do « ministro » com o Partido e o movimento comunista para explicar sua qualidade de infiltrado, tal qual ter ajudado a embasar juridicamente a Revolução Cubana, sendo mentor de Fidel Castro e Che Guevara, ou ainda ter auxiliado Stalin a tomar o poder após a morte de Lênin na extinta União Soviética. Analogamente, o mesmo ocorre nas duas outras desnotícias (4 e 5), que também foram motivadas por acusações reais. Curiosamente, aqui o furo seria justamente a admissão de culpa : « Jô Soares » admite que a entrevista é parte de sua formação comunista, e a « Folha de S. Paulo » assume oficialmente isto é, para além das

suspeitas anticomunistas seu viés ideológico. Como no caso da metonímia vermelha, para construir essas desnotícias, o *TPH* maneja o imaginário existente sobre o comunismo, principalmente o evocado pelo discurso antipetista (logo, em acordo com o /anticomunismo/) : « Fachin » é um ex-agente da KGB, órgão de inteligência da URSS ; a « Folha » torna-se « Granma », jornal oficial do Partido Comunista Cubano, seu editor-chefe é partidário da Revolução Russa e o jornal passaria a estar a serviço não mais do Brasil, mas sim do « Bolivarianismo » (termo recorrente como sinal de comunismo, na FDA) ; « Jô Soares » é parte do PT e leitor do Manifesto Comunista etc. Em termos de paródia, para um leitor desatento, aqui, o discurso enunciado estaria bastante bem alinhado à semântica da FD Antipetista.

No entanto, « o diabo mora nos detalhes » : ao mesmo tempo que incorpora o *nomos* do discurso antipetista, manejando a memória do seu léxico, o discurso paródico do *TPH* distancia-se dele através do emprego de uma linguagem jocosa e derrisória ; por exemplo, ao afirmar que, para construir o « dossiê Fachin », o *TPH* teria lançado mão de « traças treinadas pelo FBI ». Isto é, ao mesmo tempo em que as desnotícias assumem a posição antipetista, dão indícios de diferença ; logo, em todos os excertos, é possível encontrar construções linguísticas que furam o discurso antipetista de dentro. Um exemplo é o uso do termo « bolivarianismo », em (5) : ora, a troca do « Brasil » por « Bolivarianismo », por mais que remeta ao comunismo, só é possível para o discurso antipetista, uma vez que é uma construção em simulacro do posicionamento de esquerda ; logo, não faria sentido a um partidário da esquerda como a *Folha de S. Paulo*, segundo encena o *TPH* utilizar o vocábulo, uma vez que é uma designação que lhe seria estranha.

Porém, há dois outros exemplos mais elaborados do emprego jocoso do discurso antipetista : a coordenação em (4) e o implícito em (5). Em comunhão à cenografia paródica antipetista, « Jô Soares » em certa altura afirma : « sob a batuta das FARC, do PT e dos Smurfs, aprendi a me reinventar » ; por um lado, assim como no caso do emprego de « bolivarianismo », o *TPH* emprega novamente o léxico associável ao discurso antipetista, por meio dos termos « FARC » e « PT » como alusões ao comunismo latino-americano (« bolivarianista »). Não obstante, pelo efeito de equivalência promovido pela coordenação, « Smurfs », completamente alheio ao

comunismo, introduz não apenas o diferente, mas a sátira na frase : a batuta das « FARC » e do « PT » seria tão factível quanto (ou ao menos equiparável) a do desenho (imaginária, irreal, infantil etc.). Um efeito análogo ocorre em (5), pelo implícito da frase « Em seguida, soltou um grito preso na garganta por décadas : “Abaixo a burguesia !” » : a qualidade de um grito « preso » sugere um posicionamento comunista inaudito e escondido (fortalecido pela adesão oficial, isto é, para além da pura suposição), sem rastros evidentes, logo, que poderia ser questionado. Assim, ao mesmo tempo que se reencena a suposta adesão oficial da *Folha de S. Paulo* ao comunismo, faz-se troça de sua possibilidade.

Em suma, no que tange à paródia do /anticomunismo/, o *TPH* segue a mesma linha da representação hiperbólica que foi possível encontrar com o sintagma « cidadão de bem » e o sema /tradição/, mesmo que por outro viés. Aludindo ao sentimento conspiratório e à prática ostensiva de acusação do « perigo comunista », a paródia satírica do inimigo do antipetismo é construída pelo exagero : isto é, resgatando a memória dessas práticas, o *TPH* leva-as ao limite em sua representação. De maneira análoga à paródia baseada na /tradição/ e no sintagma « cidadão de bem », portanto, o *TPH* faz ranger a prática anticomunista (e o /anticomunismo/) da definição do *nomos* pela demonstração de sua volatilidade. A diferença, no entanto, é que a sátira não é fruto da intrusão do diferente no mesmo, mas pela sua exacerbação. Isto é, o *TPH* assume a prática da vigília do « perigo comunista » e a extrapola, construindo enunciados exagerados, mudando, desviando e alterando o sentido da posição antipetista, fazendo-a furar de dentro de seu funcionamento.

Conclusão

Em suma, acredito ser possível resumir o funcionamento subversivo e resistente da paródia satírica do *TPH* sobre o discurso antipetista pela ideia da *hipérbole*. De maneiras distintas, tanto um como outro lado da proposição antipetista de divisão simbólica da sociedade são parodiados de dentro, pelo seu exagero e extrapolação. Nesse sentido, os semas /tradição/ e /anticomunismo/ funcionam como o espaço onde as desnotícias do *TPH* encontram ferramentas para a construção e dismantelamento do discurso antipetista. Por um lado, a autodesignação como « cidadão de bem » é

parodiada a partir do seu efeito de saturação : tendo em vista que o sema /tradição/ permite à FDA que não explique o que significa ser um cidadão de bem (isto é, que está implicado na posição enunciativa sê-lo, logo, ele prescinde de definição), o *TPH* inverte essa lógica e satura sua explicação, tanto pelo que é permitido ao discurso antipetista dizer de si, quanto por aquilo que lhe seria vetado dizer. Por outro lado, a luta contra o mal social do comunismo, encarnado muitas vezes no Partido dos Trabalhadores, é levada ao seu extremo : investindo-se do ímpeto voraz do /anticomunismo/, o *TPH* não mais inverte a lógica antipetista, mas a reforça, levando-a ao extremo, buscando nos casos reais maneiras absurdas ou jocosas de representar a força persecutória e conspiratória do sentimento anticomunista.

Assim sendo, a sátira política construída pelo *TPH* é marcada pelo excesso e pela contradição : seja por representar indistintamente o mesmo e o oposto, seja por fazer o mesmo trabalhar em seu limite, o emprego do núcleo semântico matriz do discurso antipetista é usado para construir a contradição do discurso antipetista a partir de seus próprios termos. Na contramão da expectativa, a sátira política do *TPH* não se realiza de maneira direta ou externa. Por ser antes paródia, ela parte de dentro (ou de sua encenação) : é, de fato, a diferença no coração da semelhança, como propõe L. Hutcheon³⁶. O curioso, no entanto, é que essa diferença não é (apenas) produzida pelo discurso paródico — este, na verdade, apenas a ressalta. De muitas maneiras, a diferença existe antes, na memória e imaginário social que abriga a disputa pelos sentidos do *nomos* antipetista. A memória ocupa o entre-lugar da repetição : uma lacuna que, ancorada no igual, não deixa de jogar o discurso para sua diferença. A paródia não apenas leva ao limite da representação, mostrando onde ela falharia, mas introduz no « coração » do discurso antipetista sua antinomia. Assim, o riso de resistência à hegemonia antipetista — imbricado em sua representação cenográfica paródica — está no batimento paródico satírico que, ao representar o discurso antipetista, fá-lo ranger e furar pela intrusão da sua própria contradição.

³⁶ *Op. cit.*